Abordagem Triangular: territórios e perspectivas Arte/Educativas

A leitura da imagem, desde os anos de 1980, é uma marca dos processos de ensino e de aprendizagem em Artes e Culturas Visuais em nosso país, mudança que ocorreu motivada pela teoria nomeada de Abordagem Triangular – criada por Ana Mae Barbosa. Ao partir desse ponto de vista histórico, a Revista GEARTE apresenta o número intitulado – *Abordagem Triangular: territórios e perspectivas Arte/Educativas* – com artigos e ensaios que apresentam significativas reelaborações dessa teoria.

Abre a Revista o artigo *Inquietações e mudanças na Educação Artística: mais de que nunca uma urgência*, elaborado por José Carlos de Paiva (Universidade do Porto, Portugal), em que o autor toma de empréstimo – obviamente para homenagear – o título do livro *Inquietações e mudanças no Ensino da Arte* organizado por Ana Mae Barbosa. José Paiva faz questão de destacar que escreveu seu belo trabalho na primeira pessoa, pois pensa o seu texto como exercício de reflexão. É, portanto, com essa atitude filosófica que convidamos o leitor a dialogar, não apenas como texto do autor português, mas com todos os outros textos apresentados.

Ao enfatizar o caráter pós-colonialista da Abordagem Triangular, temos o texto *Abordaje Triangular desde un episteme decolonial*, escrito por Ramón Cabrera Salort (Universidad Autónoma de Nuevo León, México). Salort diz que a Abordagem Triangular estuda os processos de ensino e os processos de aprendizagem em Artes e Culturas Visuais de um ponto de vista crítico, isto é, colocando sob análise a matriz colonial, que estabelece quem tem direito e quem não tem direito a produzir sentidos para o universo da Arte, seja como alguém que elabora, seja como alguém que lê, pois tanto o que produz arte quanto o que lê/interpreta arte realizam, de algum modo, um ato de criação. O texto de Salort contribui para a discussão crítica da matriz epistemológica eurocêntrica.

O próximo artigo, de Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo (UFRPE, Brasil), intitulado *Retomando – a arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e*

reinventar o seu cotidiano – a partir da ideia: Incerteza Viva é um convite aos arte/educadores para experienciarem vivências desafiadoras, como Fernando, ao sentir-se desafiado pela instalação *The Chain* do fotógrafo Chien Chi Chang, exposta na 25ª Bienal de São Paulo em 2002, cujo desafio lhe é [re]significado com a ideia de Incerteza Viva, tema da Bienal de São Paulo em 2016. Nas duas experiências Fernando toma como referência a Abordagem Triangular. Assim, este texto é para quem deseja embrenhar-se pelos contextos de vida, com a experiência estético-consumatória de Fernando Azevedo, que generosamente partilha sua compreensão de que a “arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar o seu cotidiano”. Vale ressaltar que Fernando Azevedo é autor do livro *A Abordagem Triangular no ensino da Arte como teoria e a pesquisa como experiência criadora* (2016). O livro é um salto para o [re]conhecimento crítico da Abordagem Triangular.

O texto *Abordagem Triangular em diálogo com o tempo: pegadas no passado, passos para o futuro*, de Fernanda Pereira da Cunha (UFG, Brasil), trata a Abordagem Triangular como uma teoria aberta e por isso dialógica. Argumenta a autora: a sistematização da Abordagem Triangular acontece no tempo gramatical do gerúndio, pois dialoga no curso *do* e *com* o tempo contemporâneo. Daí ser uma teoria que solicita do arte/educador a reelaboração. É importante lembrar que Fernanda organizou junto com Ana Mae Barbosa o livro *Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais* (2010), obra que reúne várias interpretações dessa teoria e que é um marco no campo da Arte/Educação.

De autoria de Maria Christina de Souza Lima Rizzi (USP, Brasil) e Maurício da Silva (USP, Brasil) o artigo *Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais: uma teoria complexa em permanente construção para uma constante resposta ao contemporâneo* inicia chamando a atenção para um fato incontestável: a influência e a mudança que a teoria nomeada de Abordagem Triangular vem operando no campo da Arte/Educação, no Brasil, desde os anos de 1980. Christina Rizzi tem intimidade com a Abordagem Triangular, pois a pesquisou em seu curso de doutorado, tendo sido orientada pela própria Ana Mae Barbosa, o que influenciou, muito provavelmente, o seu orientando Maurício da Silva. Esse texto, portanto, é mais um trabalho que vem ampliar os estudos sobre a Abordagem Triangular.

O artigo intitulado *O círculo (Isabel Allende), o quadrado (Antonio Dias) e o triângulo (Ana Mae Barbosa)* de Terezinha Losada (UNIRIO, Brasil), cotejado pelas obras de Isabel Allende e Antonio Dias, discute o exercício de teoria aplicada que a autora vem desenvolvendo em sua prática e pesquisas no ensino de arte, relacionando-o à Abordagem Triangular, ao ensino de Língua Portuguesa e à Semiótica. Narra a autora neste texto que em uma arrumação se deparou com um folder do programa educativo de uma exposição que elaborou em 2001. Para descansar desta arrumação [e para se esquivar de iniciar este artigo] reviu naquela mesma noite o filme *Casa dos Espíritos*, baseado no livro de Isabel Allende. A autora, ludicamente crítica, expõe seu processo epistêmico de criação desse artigo: “Seja por acaso, providência divina, ou estritamente por conexão poética, o folder em questão se refere à exposição retrospectiva da obra de Antonio Dias, artista que explora diversos sentidos de territorialidade...”.

Leitura de bonitezas: uma abordagem estética e ética para o ensino da arte brasileiro é o título do texto elaborado por Rita Luciana Berti Bredariolli (UNESP, Brasil). A abertura do artigo, com ênfase na palavra *boniteza*, aponta para uma filiação da Abordagem Triangular ao pensamento freireano, que se completa com as palavras-dimensões *estética* e *ética*, pois para Paulo Freire ao pensar e ensinar sem partimos dessas dimensões estamos fazendo, apenas, *educação bancária*. A Abordagem Triangular compromete-se com uma proposta de educação crítica e libertadora. Bredariolli evidencia, assim, que conhece a história da Abordagem Triangular e contextualiza seus primeiros ensaios nos idos de 1983, isto é, em pleno processo de redemocratização (contexto de esperança e renovação) brasileira depois de 20 anos de ditadura.

O artigo *Abordagens triangulares: reflexões sobre a aprendizagem triangular da arte*, de autoria de José Minerini Neto (pesquisador independente, Brasil), refere-se à Abordagem Triangular como uma teoria aberta e plural, por duas razões complementares. A primeira diz respeito ao fato de sua própria criadora – Ana Mae Barbosa – não compreender sua criação/sistematização como algo acabado, mas sim como algo em constante transformação, enquanto a segunda diz respeito às

interpretações elaboradas por arte/educadores. A própria construção do texto de Minerini convida ao gesto de refletir.

Articulação entre a Abordagem Triangular e a Teoria dos Campos Conceituais: propondo diálogos entre a didática e a psicologia cognitiva, artigo elaborado por Andressa Xavier Zinato Carvalho (UFSJ, Brasil) e Gabriel Dias de Carvalho Junior (Instituto Federal de Minas Gerais, Brasil) propõe contatos entre duas teorias: a Abordagem Triangular e a Teoria dos Campos Conceituais de Gérard Vergnaud, ou seja, colocando a didática e a psicologia cognitiva em diálogo. Os autores esperam contribuir para pesquisas do campo das Artes Visuais.

O texto intitulado *Abordagem Triangular: ziguezagueando entre um ideário e uma ação reconstrutora para o ensino de artes*, de Rejane G. Coutinho (UNESP, Brasil) e Sidiney Peterson Ferreira de Lima (doutorando pelo Instituto de Artes da UNESP, Brasil), apresenta a discussão a partir da trajetória epistemológica de Ana Mae Barbosa para a sistematização da Abordagem Triangular, com especial atenção à publicação de seu primeiro livro – *Teoria e Prática da Educação Artística* (1975) – que assinala o período de transformações no campo de ensino da arte, com a criação dos cursos de Licenciatura em Educação Artística e a Lei 5692/71, que traz imbricações com a formação de professores de arte. O artigo assinala relevantes aspectos históricos acerca do Movimento Escolinhas de Arte que exerceu grande influência na formação de professores para essa área de conhecimento.

O artigo *Abordagem Triangular e performance: reflexões e possibilidades pedagógicas na sala de aula*, dos autores Amanda Caline da Silva Omar (UFPB, Brasil), Diogo José de Moraes Lopes Barbosa (UFPB, Brasil), Guilherme Barbosa Schulze (UFPB, Brasil) e José Amâncio Tonezzi Rodrigues Pereira (UFPB, Brasil) dizem observar que vem crescendo o número de pesquisas tendo a Abordagem Triangular como foco, em nosso país. Fato, segundo eles, que contribui para a democratização do ensino e da aprendizagem em Arte e, também, para as relações transdisciplinares entre as linguagens artísticas – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – e as demais disciplinas; o que levou os autores a estabelecerem relações entre o ensino de arte, a performance e a Abordagem Triangular, visando os processos de ensino e aprendizagem em Arte no palco da escola.

Em seu texto-reflexão – *Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte* – Lucia Gouvêa Pimentel (UFMG, Brasil) diz que a Abordagem Triangular é uma proposta de Arte/Educação pós-moderna, por isso uma proposta que possibilita a ampliação de limites e fronteiras culturais e disciplinares para o estudo da arte. Sugere ainda a autora que as aulas de Arte devam enfatizar o exercício do pensamento artístico. Para tanto, as aulas devem ser dinamicamente diversificadas, tanto do ponto de vista das atividades quanto do ponto de vista dos conceitos.

O artigo *Abordagem canibal, antropofagia de conceitos*, elaborado por Paola Zordan (UFRGS, Brasil) escrito de maneira desafiadora, gera pensamento divergente, cuja narrativa se apresenta em ato de acontecimento, provando o pensamento antropofágico. A autora toma Gilles Deleuze e Felix Guattari, filósofos franceses, e Suely Rolnik, psicanalista brasileira, para destacar a vitalidade antropofágica do pensamento de Ana Mae Barbosa e suas micro-grandes-ações transformadoras no campo da Arte/Educação brasileira, entre essas a antropofágica Abordagem Triangular.

No ensaio poético *Abordagem Triangular*, Regina Machado (USP, Brasil) a partir de uma música de Caetano Veloso, ressalta o exercício de liberdade que Ana Mae propicia ao criar uma abordagem e não uma metodologia para o ensino da arte. Regina destaca que “Ana Mae se tornou a mais importante, a mais fecunda fonte de conhecimento a serviço do ensino e aprendizagem da Arte no Brasil.” E que “seu trabalho é singular, paradigmático e livre, tendo seu lugar assegurado, como nenhum outro, na História dessa área de reflexão e prática educativa.”

Na sequência apresentamos aspectos significativos da história da sistematizadora/criadora da Abordagem Triangular – Ana Mae Barbosa, por meio de seu texto intitulado, nada mais nada menos, que *Autobiografia*. Ana Mae (USP e UAM, Brasil) assume um tom reflexivo; memorialista. Trata-se de uma palestra autobiográfica, gravada em áudio, filmada e entregue em texto escrito para o Projeto de História do Ensino da Arte da Miami University, Oxford, Ohio em 2002. Até essa data, Ana Mae havia sido a única estrangeira não residente nos Estados Unidos a ser convidada para proferir tal palestra. É um texto encantador, no qual as memórias

peçoais se interligam às memórias de arte/educadora, adensando marcas da história da nossa Arte/Educação e suas implicações políticas; texto que é uma obra, um verdadeiro presente para pesquisadores do campo mais amplo da Arte/Educação e muito especialmente para aqueles do campo das Artes e Culturas Visuais.

A seguir é apresentado um texto/depoimento de Ana Amália Tavares Bastos Barbosa (UNESP, Brasil) em que menciona sua experiência com a Abordagem Triangular desde criança, referindo que “a Abordagem Triangular pode ter sido sistematizada há 20 anos, mas que, para ela, sempre existiu”.

E encerrando esse número, temos o instigante ensaio visual *Quem influencia quem?* de Ana Amália Tavares Bastos Barbosa (UNESP, Brasil) e Moa Simplicio (FMU, Brasil) que traz um exemplo de como os autores utilizam a Abordagem Triangular na aula de arte. O ensaio problematiza se é o artista que influencia o educador ou é o educador que influencia o artista.

Belos ensaios. Homenagem à Ana Mae Barbosa.

Dr. Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo¹

(Universidade Federal Rural de Pernambuco —
UFRPE, Garanhuns/PE, Brasil)

Dra. Fernanda Pereira da Cunha²

(Universidade Federal de Goiás —
UFG, Goiânia/GO, Brasil)

Organizadores do presente número.

---

¹ Professor do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco na Unidade Acadêmica de Garanhuns — UFRPE/UAG. Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, Mestre em Artes pela Universidade de São Paulo e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Ensino de Arte. E-mail: f_azevedo@hotmail.com

² Professora Adjunta da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG) atuando na graduação, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu (mestrado e doutorado) Interdisciplinar em Performances Culturais (EMAC/UFG) e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu (mestrado) em Música (EMAC/UFG). É coordenadora do Curso de Especialização em Arte/Educação Intermediática (EMAC/UFG). Graduada em Educação Artística — Licenciatura Plena pela Fundação Armando Álvares Penteado, mestrado em Artes pela Universidade de São Paulo e doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo. E-mail: fernanda.pcunha@hotmail.com